

## PARA ALÉM DO GÊNERO: A INQUIETUDE DO CORPO EM “LA PIERNA DE SEVERINA”, DE JOSEFINA PLÁ

Andre Rezende Benatti (PG – UFMS)

### RESUMO

O presente trabalho tem como intuito uma análise de alguns dos semblantes que envolvem a escrita feminina no conto “La Pierna de Severina”, de Josefina Plá, poeta, dramaturga, crítica de arte, ensaísta, pintora e jornalista paraguaia moderna, enfatizando as questões relativas ao corpo e as inquietudes femininas. A pesquisa foca-se na imagem da personagem Severina, que possui deficiência em sua perna e que por conta disso não pode exercer a função de “hija de Maria”, na igreja da pequena comunidade em que vive no interior do Paraguai, e de todo o universo obscuro que a envolve, tais como a não aceitação de seu próprio corpo, a ocultação de desejos e vontades, e a busca e desconstrução de seus sonhos. Nesse segmento, foram utilizadas teorias acerca da escrita feminina, ressaltando alguns aspectos como a presença do corpo no texto e a inquietude subjetiva dos desejos e anseios, a voz, o vulto feminino da personagem. O estudo ancora-se nas contribuições de Lucia Castelo Branco, Ruth Salviano Brandão e Cristina Piña. Assim, o trabalho pretende aclarar de forma expositiva o universo feminino dentro do conto de Josefina Plá, bem como ajudar na divulgação da escritora paraguaia, tão pouco conhecida no Brasil.

**Palavras-chave:** *feminino; corpo; inquietude.*

### ABSTRACT

This paper aims an examination of some of the faces that surround women's writing in the story "La Pierna Severina", Josefina Plá, poet, playwright, art critic, essayist, painter and a modern Paraguayan journalist, emphasizing issues related to the body and the concerns of women. The research focuses on the character Severine's image, who has disabilities and because of that that cannot perform the function of "hija de Maria" in the church in the small community she lives in Paraguay, and all the dark world surrounding it, such as non-acceptance of his own body, the concealment of desires and wishes, and deconstruction and the pursuit of their dreams. In this segment, were used theories of feminine writing, highlighting aspects such as the presence in the body text and the restlessness of the subjective wishes and desires, the voice, the feminine face of the character. The study is anchored on the contributions of Lucia Castelo Branco, Ruth Salviano Brandão Cristina Piña. Thus work intends to clarify the exposition of the female form in the tale of Josefina Plá, and help spread the Paraguayan writer, so little known in Brazil.

**Keywords:** *female; Body; restlessness.*

Ao analisarmos qualquer obra literária temos de imediato a sensação de que o autor, de tal obra, é como se fosse um ventríloquo, que comanda suas personagens conforme quer. No entanto, existem aquelas personagens que, de certa maneira, comandam seus autores, tratam-se de personagens com tanta complexidade, profundidade e força, que fica impossível que os autores mudem os rumos de seu “destino”. Portanto, dentro da Literatura, segundo Brandão (2006), há a presença do consciente e do inconsciente, pois as personagens criadas, que tomam suas próprias atitudes, podem revelar algo de inconsciente do autor que inventou esta personagem.

Este é o caso que acontece no conto “La Pierna de Severina”<sup>1</sup>, de Josefina Plá, autora paraguaia. Ao lermos a narrativa fica clara a impossibilidade da autora de modificar certas atitudes da personagem, devido à tamanha força e complexidade com que esta foi escrita. Severina é uma

<sup>1</sup> Trad. “A perna de Severina”.

mulher que, ao mesmo tempo é forte, porém delicada, criada como uma antítese contrapondo-se com a figura que se tem da forte e inabalável mulher paraguaia, figura esta criada desde a época da Guerra do Paraguai.

Em “La Pierna de Severina”, a personagem título, Severina, é uma moça de origem humilde que vive em uma pequena comunidade no interior do Paraguai e que há quinze anos vive a cuidar de sua tia doente e não sai de casa por ter vergonha de ser deficiente física, ela somente sai para ir à missa, porém faz tudo o que esta a seu alcance para que ninguém a veja. Seu desejo maior, desde antes do acidente o qual perdeu a perna, é ser “hija de Maria<sup>2</sup>” da igreja de sua comunidade, e esta não poderia por conta de seu problema com a perna, pois uma “hija de Maria” teria que acompanhar as procissões e fazer pequenos trabalhos na igreja que envolveriam longas caminhadas e horas sem sentar-se.

Dentro do que se passa no decorrer da narrativa, percebe-se que quase todas as atitudes da personagem são realizadas por meio do extremo desejo, que segundo Leyla Perrone-Moisés (1998) está ligado a toda e qualquer atividade humana, que, no caso de Severina, é de se tornar “hija de Maria” e o único impedimento que a mesma tem é o de ser deficiente física. Sendo assim, o corpo torna-se alvo de uma constante inquietação da personagem, para além de seu desejo de se tornar uma “hija de Maria”, a mesma vê em sua perna a única forma de impedimento para que seu desejo se torne real. Para Chevalier “a perna é um símbolo do vínculo social. Permite as aproximações, facilita os contatos, suprime as distâncias. Reveste-se, portanto, de importância social.” (2001, p.710), posto isto podemos compreender o caráter de importância que Severina dá à perna. A personagem só reconhece-se por meio do corpo para alcançar o lugar onde quer estar.

#### Segundo Santaella:

Descartes definiu o humano como a mistura de duas substâncias distintas: de um lado o corpo, um objeto da natureza como outro qualquer (*res extensa*), de outro lado, a substância imaterial da mente pensante, cujas origens, misteriosas, só poderiam ser divinas. (SANTAELLA, 2004, p.14)

No entanto ele não encontrou nada que explicasse a ligação de ambos, assim Santaella (2004), nas palavras de Doel explica que o corpo é o meio pelo qual a mente expressa seus desejos, suas angústias. Em “La pierna de Severina”, a protagonista está entre os desejos que sua mente tem de se tornar “hija de Maria” e as limitações que a mesma tem por consequência de sua perna.

Dentro da narrativa o corpo se torna a matriz pela qual as ações de Severina se desenrolam. E a escritura deste corpo, no plano ficcional, é estritamente física, pois a personagem projeta na perna todas as dificuldades que encontra para a realização de seu objetivo maior. O problema que a protagonista tem em uma de suas pernas desenha o movimento interno da mesma para a

---

<sup>2</sup> Trad. “filha de Maria”.

exteriorização problemática corporativa, exteriormente um fator físico passa a ser o motivo que leva a personagem a desenvolver determinadas ações dentro da narrativa.

Na mente de Severina, ela somente poderá encontrar exílio por consequência de uma suposta aceitação por si mesma e pela sociedade, se tiver um corpo em que não encontrará determinadas limitações, o corpo passa a ser algo que a identifique como alguém normal perante si mesma. O corpo se torna um lugar em que se inscrevem as marcas de determinada cultura.

No início da narrativa, a personagem vive em completa passividade em relação a seu problema, ela não o aceita, porém não têm meios, nem conhecimento para modificá-lo, o que, segundo Brandão e Castello Branco (2004), pode representar a morte pelo inconsciente da personagem.

A mulher, na cultura ocidental, é caracterizada como um ser de falta. Segundo Brandão e Castello Branco (2004), ao contrário do homem, a mulher se define como ser através de privações, perdas, ausências, o que Plá retrata com maestria em sua narrativa. A ela é relegada a falta, a lacuna. É nesse vazio que se instaura o feminino. Dentro da narrativa, Severina não consegue manipular esses sentimentos, daí sua busca sagaz por preenchimento de seu vazio, tal busca a relaciona com a morte de seu intelecto, para que ela possa ser reconhecida socialmente.

O “boom” da personagem para ação se dá com a possibilidade de ter uma nova perna, uma mecânica. Com isso, há uma espécie de despertar interior por parte da personagem, que passa a querer buscar por uma resolução para seu problema e não mais fica passiva em relação a ele. Pela primeira vez Severina vai à igreja, não para se confessar, mas sim para conversar com o padre, transgredindo assim uma regra imposta pela própria.

Segundo Brandão (2006, p.94-95), a imagem exerce um encanto hipnótico em Narciso, quando este se vê refletido no espelho d’água onde acaba mergulhando para a morte, esta imagem que Narciso reconhece e nela percebe a impossibilidade de te-la para si. No conto de Josefina Plá, Severina se encontra em estado parecido ao de Narciso, porém, ela almeja parte do eu, que lhe está fazendo falta, para que se realize seu objetivo maior. A existência dela, assim como a da imagem de Narciso refletida depende unicamente do reconhecimento de seu próprio corpo como forma identitária. Enquanto o mundo de Narciso é feito de reflexos e ecos de seu próprio corpo, o mundo de Severina, a partir de certo ponto, gira em torno de parte de seu próprio corpo.

A partir então do momento de transcendência, onde ela passa de um ser passivo ao que está a seu redor a um ser ativo no qual busca meios para que possa conseguir ser “hija de Maria”, Severina se sente maior que tudo, capaz de realizar qualquer coisa. Seu impedimento não era mais a falta de conhecimento e sim a tia da qual cuidava. “Crecía la ansia, la montaña de obstáculos

desmoronaba. El más grande lo representaba su tía clavada en la cama y que necesitaba se la atendiera constantemente”<sup>3</sup> (PLÁ, 2000, p.169)

Severina via a vida passar diante de seus olhos, no entanto, estava estagnada, não esboçava qualquer reação em relação do que acontecia a seu redor, pois, estava obsecada pela idéia de conseguir a parte que lhe faltava.

Brandão (2006), citando Kristeva, nos revela que “a face escondida de Narciso, que o leva à morte, é a que ele vê em lugar daquela que ama, como miragem, onde se admira.” Sendo assim, podemos perceber que dentro da narrativa de “La Pierna de Severina”, há uma espécie de narcisismo por parte da personagem, pois ela somente se vê como mulher e membro da sociedade se tiver a perna, como todos ao seu redor. Para ela, se não fosse assim não seria um ser humano completo, e este pensamento a leva à morte intelectual fazendo com que viva somente para conseguir a parte que lhe falta. Manter-se isolada do mundo ao seu redor, para Severina, é a única maneira de manter a imagem que deseja visível.

A imagem tão almejada da personagem não é a de si própria bela e perfeitamente normal, mas sim a de um estereótipo, que esta vê desde muito tempo pela janela da casa onde vive a imagem do que fazem as “hijas de Maria”. Severina não as conhece, apenas conhece o que vê, somente a superfície do que são as “hijas de Maria”.

O corpo passa a ser então, para Severina, o símbolo para o que significa para ser “hija de Maria”, ela idealiza o seu próprio eu, de como deve ser para realizar sonho.

(...) essa mediação superpõe-se ao Imaginário e o organiza, levanto o sujeito a encontrar um lugar para si em um ponto, o Ideal do Eu, que determina e sustenta a projeção imaginária sobre o Eu Ideal. A relação dual instaurada por este último seria impossível de viver pois a imagem ideal de uma unidade vislumbrada é a mesma do outro na qual o Eu, capturado, se aliena.(...)  
(SANTAELLA, 2004, p. 145, 146)

O narcisismo de Severina é então uma mediação que lhe permite ver-se igual às demais “hijas de Maria” que ela observa tão atentamente. Elas se tornam o símbolo que a personagem tanto almeja alcançar, um significante pelo qual ela vai desenvolver as atividades de sua vida.

A busca de Severina por seu corpo se torna uma odisséia no labirinto de uma local desconhecido para ela. Com a chegada em Assunção, ela dá alimento à sua loucura quando percebe que a perna manca é motivo de chacota em um restaurante. Fato esse que atordoa Severina, deixando-a ainda mais “gauche”, que assim como no “Poema das Sete Faces”, de Drummond, diz de alguém que se encontra às avessas na vida, indo à margem da sociedade, observando, o que, segundo Eco (2000), leva a constatar, mesmo que erroneamente, que somente com a perna seria

---

<sup>3</sup> Trad. “Crescia a ansia, a montanha de obstáculos desmoronava. O maior era representado por sua tia cravada na cama e que necessitava que a atendera constatemente”.

perfeita e poderia ser “hija de Maria”, dando maior ênfase à idealização de “hija de Maria”, tida por ela.

Um ponto importante da narrativa e que marca sua sutileza, é o fato de a personagem principal, por conta provavelmente de sua obsessão por se tornar “hija de Maria”, é totalmente celibata. Celibato que é interrompido de maneira brutal dentro da narrativa. Severina é violentada.

O momento principal do conto, quando Severina se encontra já em Assunção, se dá de maneira violenta, uma epifânia brutal que lhe revela o verdadeiro mundo e que a transforma por completo. Depois de chegar a Assunção, Severina se vê sozinha e sem muito dinheiro em um lugar totalmente desconhecido, perambulando pela cidade encontra abrigo em um ambiente que para ela parece familiar, uma igreja. Lá Severina dorme, onde é acordada sendo espancada.

A partir desse ponto da narrativa os sonhos construídos pela personagem ao longo de sua vida são destruídos. Para Brandão:

Se é pela palavra que se constroem as pretensas verdades, as ideológicas, fundadoras dos valores sociais, a verdade sobre o feminino faz-se também como construção masculina, seja pela imaginária, mítica ou científica. (BRANDÃO, p. 116, 2006)

Portanto, se o masculino é capaz de construir os valores femininos, é também capaz de destruí-los, o que acontece na narrativa de Plá, quando Severina é alvo de chacotas por ser manca, “ (...) \_ Es renga nipo raé.”<sup>4</sup>(PLÁ, p 172, 2000), e em seguida é vítima de violência sexual. Desfaz-se assim, com a impossibilidade de auto-defesa por parte da personagem, os sonhos que havia construído ao longo de sua vida.

Diante do ato, Severina se encontra atônita, “(...) como si todo hubiese sido una pesadilla.”<sup>5</sup> (PLÁ, p 172, 2000). Este momento funciona como se a água que refletia a imagem de Narciso, tão adorada, se turve, tornando a imagem disforme, e Severina se vê pela primeira vez sem o objetivo de obter a parte que lhe falta. Sua consciência desperta, a personagem, agora machucada e sem a “máscara” de ser “hija de Maria”, se arrasta pelas ruas de Assunção, até que encontra ajuda para se recuperar.

No entanto, Severina, assumindo mais uma vez, porém de outra forma, sua característica passiva em relação aos fatos que lhe aconteceram, nada faz a respeito, volta para seu povoado no interior do país. O casulo, onde a personagem se manteve durante toda sua vida aumenta ainda mais com sua volta ao povoado. Ela não conta nada a ninguém.

Severina então volta a olhar por sua janela discreta, onde apenas vê o mundo caminhar e progredir. No entanto, ela mesma se encontra novamente parada, estagnada diante de tudo, apenas

<sup>4</sup> Trad. “ (...) \_ Estou vendo que é manca.”

<sup>5</sup> Trad. “(...) como se tudo houvesse sido um pesadelo”.

observando, de uma maneira ainda mais passiva, pois nem ao menos o desejo de ser “hija de Maria” expressa mais.

A mesma inquietude que levou Severina, mesmo passivamente, a buscar algo para ser “hija de Maria”, a fez aceitar sua condição diante de seus problemas e a despertar do sonho narcisista ao qual se encontrava para começar a viver por sua própria conta.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ruth Salviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BRANDÃO, Ruth Salviano; CASTELLO BRANCO, Lúcia. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

CHEVALIER, Jean, 1906. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ECO, Umberto. *Tratado geral da semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

PLÁ, Josefina, *Cuentos completos*. Organização de Miguel Ángel Fernandez. Assunção: Editorial El Lector, 2000.

SANTAELLA, Lúcia; *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.